

Liduino Borba

# **Subsídios para a História de São Mateus da Calheta**

**BLU - Edições  
e Junta de Freguesia  
de São Mateus da Calheta**

#### 4.2.2. BALEIA

«PRÉ-HISTÓRIA – Arpões de pedra, tidos como de época de 10.000 anos A. C., encontrados na costa portuguesa.»<sup>54</sup>

1550 – «A actividade dos baleeiros do Pico e S. Jorge remonta, seguramente, ao século XVI.»<sup>55</sup>

1750 – Aaron Lopes, de ascendência hebraica portuguesa, instala em Newport a indústria, contando com açorianos pescadores.»<sup>56</sup>

1776 – (6 Julho) Denis Gregório de Mello Castro e Mendonça, Governador das Ilhas dos Açores, afirmava no seu relatório enviado ao Rei «(...) hu grande numero de embarcaçoens de Inglaterra Nova na pescaria das baleyas, em cuja pescaria fazem altissimo, e importante neg.<sup>o</sup> (...)»<sup>57</sup>

1784 – «Continuava nestes mares grande numero de navios à pesca das baleias, ...».<sup>58</sup>

1822 – (...), pois vemos todos os verões os mares cobertos de americanos baleeiros, que vem aquelas alturas, (...)»<sup>59</sup>

1846 – Máximo da armação baleeira americana com 735 navios feitos ao mar.»<sup>60</sup>

1851 – Baleeiros açorianos em sociedade na Califórnia.»<sup>61</sup>

1856/7 – Nas Flores: primeira sociedade açoriana para a pesca sedentária.»<sup>62</sup>

1860 – Devido à exploração do petróleo na América do Norte, entra em declínio a indústria da extracção de óleo de baleia nos Estados Unidos.»<sup>63</sup>

«Primeira baleia açoriana caçada nas Flores em 1860.»<sup>64</sup>

1880 – Este período foi considerado como impulsionador da actividade baleeira em várias Ilhas dos Açores.

1885 – (2 de Julho) Constituição da *Parceria Mercantil Perseverança*, com sede em Angra do Heroísmo. Três dos constituintes são de São Mateus.»<sup>65</sup>

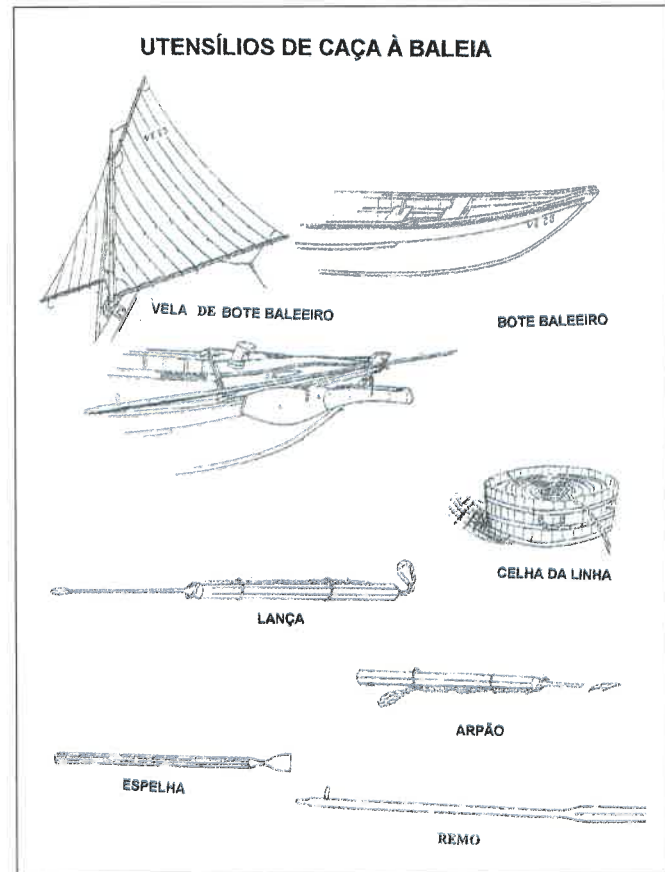


Fig. 0019 - Utensílios da caça à baleia

<sup>54</sup> AFONSO, João, "Mar de Baleias e Baleeiros", pág. 229.

<sup>55</sup> SANTOS, João Marinho dos, "Os Açores nos sécs. XV e XVI", Vol I, pág. 262.

<sup>56</sup> AFONSO, João, "Mar de Baleias e Baleeiros", pág. 229.

<sup>57</sup> IHIT, Boletim de 1998, Revista dos Fortes que defendem a costa da Ilha Terceira.

<sup>58</sup> DRUMOND, Francisco Ferreira, "Anais da Ilha Terceira", 1859, Vol. III, pág. 57.

<sup>59</sup> DRUMOND, Francisco Ferreira, "Apontamentos..." IHIT, 1990, Pág. 138.

<sup>60</sup> AFONSO, João, "Mar de Baleias e Baleeiros", pág. 230.

<sup>61</sup> AFONSO, João, "Mar de Baleias e Baleeiros", pág. 230.

<sup>62</sup> AFONSO, João, "Mar de Baleias e Baleeiros", pág. 230.

<sup>63</sup> AFONSO, João, "Mar de Baleias e Baleeiros", pág. 230.

<sup>64</sup> Jornal "Diário Insular" de 15 de Fevereiro de 2007, pág. 6.

<sup>65</sup> AFONSO, João, "Mar de Baleias e Baleeiros", pág. 51.

## História de São Mateus da Calheta

**1886** – (8 de Fevereiro) Primeira “Parceria Marítima de Pesca à Baleia” a desenvolver a sua actividade em São Mateus, no Negrito.

(3 de Junho) Constituição da *Parceria Marítima de São Mateus*. Entre muitos sócios, faziam João Pereira Forjaz Pacheco de Melo (Quinta das Mercês), Luís Francisco Meireles do Canto e Castro (Quinta de Merens) e Vital de Bettencourt Vasconcelos e Lemos (Quinta dos Arrifes).<sup>66</sup>

**1888** – Há «86 canoas baleeiras açorianas em diversas ilhas.»<sup>67</sup>



**Fig. 0410 - Bênção do Bote “Emília”, 1950**

**1904** – «A seguir ao Forte Grande, está o pequeno porto de S. Mateus, que serve de varadouro aos barcos de pesca, e onde está também uma companhia da pesca da baleia.»<sup>68</sup>

**1941** – (24 de Novembro) Alvará concedido à Armação Baleeira Terceirense, que era a sucessora da Parceria Mercantil Perseverança que tinha iniciado a sua actividade no princípio do século XX.

**1952** – «Anteriormente ao ciclone de 1952, a baleia era desmanchada e derretida no porto do Negrito. O ciclone desmantelou toda a estrutura que havia no local e a baleia passou a ser levada para o Pico.»<sup>69</sup>

**1970** – Frota de caça à baleia existente em São Mateus da Calheta, pertencente à Armação Baleeira Terceirense:

Botes Baleeiros

“Santo Cristo Terceiro”, AH-218-B, comprimento 11,36 metros, boca 1,92 metros, pontal 0,92 metros.

“São Mateus Terceiro”, AH-219-B, comprimento 11,70 metros, boca 1,92 metros, pontal 0,65 metros.

“Espadarte Segundo”, AH-224-B, comprimento 11,96 metros, boca 1,82 metros, pontal 0,53 metros.

“Emília”, AH-225-B, comprimento 11,90 metros, boca 1,82 metros, pontal 0,53 metros.

“Capelas”, AH-227-B, comprimento 12,90 metros, boca 1,93 metros, pontal 0,69 metros.

“Maria Terceira”, AH-223-B, comprimento 9,55 metros, boca 1,87 metros, pontal 0,70 metros.

Lanchas Baleeiras

“Milhafre”, AH-400-B, comprimento 9,25 metros, boca 2,26 metros, pontal 1,18 metros, motor de 100 HP.

“Marta Adriana”, AH-222-B, comprimento 11,10 metros, boca 2,10 metros, pontal 1,10 metros, motor de 84 HP.

“Estrela Açoreana”, AH-232-B, comprimento 11,84 metros, boca 2,63 metros, pontal 1,26 metros, motor de 160 HP.



**Fig. 0571 - Velhos baleeiros no Porto, cerca de 2000**  
**António Bica, Manuel Preguiça, Chico Bica, Greguilha, Ramos, Esconena, Manuel Patinha e Luís Resoneca**

**1973** – «Termina a caça à Baleia em São Mateus. (...) Chegaram a existir 6 botes baleeiros em São Mateus.»<sup>70</sup>

**1983** – Proibição da caça à Baleia nos Açores.

<sup>66</sup> AFONSO, João, “Mar de Baleias e Baleeiros”, pág. 51.

<sup>67</sup> AFONSO, João, “Mar de Baleias e Baleeiros”, pág. 231.

<sup>68</sup> SAMPAIO, Alfredo Silva, “Memória sobre a Ilha Terceira”, 1904, pág. 318.

<sup>69</sup> Jornal “A Maré”, n.º 23, de Julho/Set. de 1992.

<sup>70</sup> Jornal “Diário Insular” de 27 de Agosto de 2006.

**1988** – (29 de Dezembro) «Que no orçamento de 1989 seja concedida uma verba de cento e quarenta mil escudos, destinada à reconstrução do barracão da Baleia para sede social dos Marítimos de São Mateus Sport Clube, visto que o referido edifício é da CMAH e vai ser entregue à Junta de Freguesia, a qual assinará um protocolo de utilização com o Clube, para a sede desta colectividade, ficando os Marítimos a utilizar o referido edifício até à sua extinção.»<sup>71</sup>

**1995** – (3 de Fevereiro) A Junta deliberou «preparar o orçamento de recuperação das canoas baleeiras e envio do mesmo ao chefe de Gabinete do Senhor Secretário Regional do Turismo e Ambiente.»<sup>72</sup>

**1995** – (7 de Abril) «Está previsto iniciar-se ainda este mês as obras de recuperação do Bote Baleeiro Espadarte II, através de acordo (...) entre a Junta e a Secretaria Regional do Turismo e Ambiente, no valor de setecentos e sessenta e cinco mil escudos (...)»<sup>73</sup>



Fig. 0575 - Velhos baleeiros no Porto, cerca de 2000

**1996** – (6 de Junho, 16h00) Inauguração do Bote Baleeiro, com a presença de diversas entidades oficiais, nomeadamente o Sr. Secretário Regional do Turismo e Ambiente.<sup>74</sup>

**1996** – (Setembro) O bote baleeiro “Espadarte Segundo” participou na Regata de Botes Baleeiros, a convite da Comissão de Festas do Cais de Agosto/96.<sup>75</sup>

**1997** – (24 de Outubro) Os irmãos José e André Silveira adquiriram o bote baleeiro “Santo Agostinho”, com horizontes turísticos e de recreio.<sup>76</sup>

**1998** – (4 de Setembro) «Inauguração do bote baleeiro “Maria Celina” e da lancha da baleia “Marta Adriana” recuperados por esta autarquia e que tiveram o apoio da Direcção Regional dos Assuntos Culturais, tendo-se realizado a inauguração no passado dia 10 de Agosto» com diversas entidades oficiais.<sup>77</sup>

**2002** – (2 de Agosto) «Foi deliberado inaugurar, aquando das Festas de Santo António/2002, a nova lancha baleeira.»<sup>78</sup>

**2003** – (5 de Fevereiro) «(...) reparação da lancha baleeira “Estrela Açoreana”, bem como a conservação e arranjo dos botes baleeiros, (...)»<sup>79</sup>

**2004** – (7 de Maio) «(...) para a manutenção dos botes baleeiros “Maria Celina” e “Espadarte II”, no valor de quinhentos euros cada e “Estrela



Fig. 0418 - Baia do Negro, desmanche da baleia, cerca de 1950

<sup>71</sup> Livro das Actas da Assembleia de Freguesia, 1976 a 99.

<sup>72</sup> Livro das Actas da Junta de Freguesia, 1983 a 2002, pág. 62V.

<sup>73</sup> Livro das Actas da Junta de Freguesia, 1983 a 2002, pág. 63V.

<sup>74</sup> Livro das Actas da Junta de Freguesia, 1983 a 2002, pág. 70.

<sup>75</sup> “Boletim Informativo” da Junta de Freguesia, n.º 18 de Setembro de 1996.

<sup>76</sup> Jornal “Diário Insular”, de 24 de Outubro de 1997.

<sup>77</sup> Livro das Actas da Junta de Freguesia, 1983 a 2002, pág. 79.

<sup>78</sup> Livro das Actas da Junta de Freguesia, iniciado em 2002, pág. 5.

<sup>79</sup> Livro das Actas da Junta de Freguesia, iniciado em 2002, pág. 13A.

Açoreana” dois mil duzentos e cinquenta euros para a manutenção e sete mil setecentos e cinquenta euros para a motorização.»<sup>80</sup>

2006 – (7 de Julho) «(...) no valor de 3.250 €, sendo 500 € para o bote “Espadarte II”, 500 € para “Maria Celina” e 2.250 € para a lancha baleeira.»<sup>81</sup>

Sabe-se que os açorianos praticavam a caça à baleia quase desde os primeiros tempos do povoamento, embora de forma esporádica e pouco organizada. Mas é no século XVIII, com as baleeiras inglesas e depois americanas, que a actividade conhece maior desenvolvimento, atingindo o seu auge em meados do século XIX.



Fig. 0419 - Baía do Negrito, desmanche da baleia, cerca de 1950

A nível local, só em 1856 um florentino manda vir dos EUA a primeira canoa baleeira. Posteriormente, estas embarcações começaram a ser construídas na ilha do Faial, dando origem ao típico bote baleeiro açoriano.

Depois do desaparecimento das baleeiras americanas, mantém-se a caça costeira artesanal que sobreviveu na ilha do Pico até à década de 80 do século XX, nunca deixando de ser, no entanto, uma actividade secundária e sazonal. Nos Açores, a carne de baleia raramente foi utilizada na alimentação humana, aproveitando-se sobretudo o óleo proveniente do derretimento da gordura e alguns subprodutos mais raros e valiosos como o espermacete e o âmbar cinzento. Ao longo dos tempos, a caça à baleia firmou-se no imaginário e tradição popular de algumas ilhas dos Açores, fazendo hoje parte do património cultural açoriano. Um dos seus testemunhos são os famosos “scrimshaws”, dentes de cachalote e peças de marfim ou osso, trabalhados e decorados segundo as artes da escultura, entalhe e gravura, com motivos diversos e que têm a sua origem no hábito que os baleeiros cultivavam de entreter as horas de ócio a bordo ou as noites de Inverno com a produção de trabalhos artesanais nos referidos materiais.

A caça à baleia foi um negócio muito rentável e importante para as pequenas economias familiares, embora de características irregulares. Aos anos de grande fartura, seguiam-se períodos de grande penúria. As notícias da fundação das primeiras parcerias de pesca à baleia perdem-se nos tempos porque as primeiras devem ter sido muito simples e rudimentares. Os cetáceos capturados seriam simplesmente esquartejados no calhau, ou mesmo no mar, e os seus restos cozidos em grandes caldeirões para serem transformados em óleo.



Fig. 0898 - Estruturas da indústria da baleia no Negrito, 2007

Relativamente à ilha Terceira, apesar de a caça não ser abundante, procurava-se ter uma indústria de transformação própria e um circuito comercial dirigido para o exterior. Há notícias que dão conta da actividade de uma companhia baleeira no Negrito em 1891, a Parceria Marítima de Pesca à Baleia.

Em São Mateus, havia o centro baleeiro, que funcionou muitos anos na actual sede dos Marítimos de São Mateus ao Porto, e aqui se recebia a comunicação das vigias de que havia “baleia à vista”. De imediato era atirado um foguete de três bombas, para dar sinal aos homens da companhia, que depressa corriam aonde se encontravam os botes, com roupas, alimentos, água e vinho para o seu sustento.

<sup>80</sup> Livro das Actas da Junta de Freguesia, iniciado em 2002, pág. 32.

<sup>81</sup> Livro das Actas da Junta de Freguesia, iniciado em 2002, pág. 71V.

Lançavam os botes ao mar, a remos, em direcção à baleia. Mais recentemente uma lancha a motor rebocava os botes até ao ponto onde se encontrava a baleia, e a partir daí os remadores procuravam a melhor posição para arpoar a baleia.

Cada bote ou canoa tinha uma companhia de sete homens, constituída por seis remadores e um oficial. Ao remador do remo da proa competia também o cargo de arpoador e trancador da baleia. O oficial governava a canoa por meio da esparrela, ou seja um remo fazendo as vezes de leme.

Depois de apanhada a baleia esta era rebocada para terra. Já em terra, a gordura subcutânea era transformada em óleo e carne e os resíduos em guano.

Desde 1987 que a caça à baleia é proibida em Portugal, florescendo sobretudo na ilha do Pico, uma actividade de observação de cetáceos que, nalguns casos, envolve estruturas e pessoas ligadas à própria baleação.

As Vigias de Baleia eram outra parte importante deste negócio, por ser a partir daí que se lançava o alerta da existência do cetáceo. Inicialmente, antes de a comunicação ser efectuada via rádio, era por sinais visíveis de vigia a vigia que transmitiam as informações, em códigos definidos, daí a razão de existirem mais vigias em redor da ilha.

A única vigia que existiu em São Mateus foi a da Chanoca, a poente da baía do Negrito, numa ponta privilegiada da costa. No local está construída uma habitação com uma placa na entrada “Quinta da Chanoca”. Foi “vigia” um indivíduo conhecido por “José das Coives”, morador ao Porto de São Mateus.<sup>82</sup>

Além da vigia da Chanoca, existiam vigias de baleia, com edifício, no Monte Brasil em Angra, em Santa Bárbara, Pico do Altar na freguesia dos Altares e na Serra da Praia.

O Boletim Municipal, da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Ano XI, n.º 13, 3.ª Série, do 2.º Semestre de 1996, insere um escrito do sábio José Agostinho, datado de 1986, com notas de João Afonso, que, pela sua grandeza, em relação a São Mateus e à baleação, merece ser transcrito na íntegra.

#### «O PRÍNCIPE DE MÓNACO EM S. MATEUS

Em meados de Julho<sup>83</sup> do ano de 1895 aportou a Angra, no seu iate, o Príncipe Alberto de Mónaco. Não era esta a primeira vez que o Príncipe vinha por estas paragens. Alguns anos antes ele havia já explorado por várias vezes estes mares na *Hirondelle*, escuna que ele adquirira em 1885 para dar largas à sua vocação ancestral de marinheiro.

Na realidade, os Grimaldi, de quem o Príncipe era o legítimo representante e herdeiro, eram já famosos há mais de meia dúzia de séculos como ousados navegantes da república de Génova. Mas Alberto Grimaldi alimentava ideias bem diferentes daquelas que os seus antepassados tinham arreigadas nas tradições da família, nem sempre isentas de mácula, pelo menos na opinião de mercadores do Levante, espoliados de navios e fazendas nas suas travessias pelo Mediterrâneo.

Talvez que o Príncipe Alberto quisesse de algum modo remir os pecados de alguns desses antepassados, empregando para bons fins a riqueza colossal que eles haviam amontoado. Riqueza tão grande que se dizia que na Europa os mares, trazendo na companhia um grupo de homens de ciência entusiastas, que, com ele, haviam de ser os fundadores de uma nova ciência, cheia de encanto e de imprevistos, a Oceanografia.

O barco que aportou a Angra em 1895 já não era a pequena *Hirondelle*. Era um autêntico iate de recreio, dois mastros, uma chaminé amarela donde saía um fio de fumo negro, casco todo branco, linhas esguias. Chamava-se *Princesse Alice*. Há-de haver ainda por aí gente velha que se lembra dele.



Fig. 1089 - Príncipe Alberto do Mónaco (1848-1922), cerca de 1900

<sup>82</sup> Informação de António Pimentel Jaques e João Esconena.

<sup>83</sup> O Príncipe Alberto descreve, em pormenor, a sucessão das várias fases da pesca pelos baleeiros do Negrito (S. Mateus – Ilha Terceira) no capítulo “La Mort d’un Cachalot” de “La Carrière d’un Navigateur”, Paris, 1901.

Este nome encerrava um romance: Um triste romance para o Príncipe Alberto. Casado e pouco depois separado duma jovem inglesa da nobre estirpe dos Hamilton, o Príncipe Alberto, anulado pela Cúria o primeiro casamento, contraiu segundas núpcias com uma americana, filha de um milionário de Nova Orleans, dama e viúva do duque de Richelieu. Alice Heine, assim se chamava ela, era sobrinha do grande poeta alemão Heinrich Heine, por quem o nosso Antero de Quental tinha particular admiração. Tão grande que o volume das poesias de Heine que pertenceu a Antero e está na Biblioteca Pública de Ponta Delgada, está copiosamente anotado por ele.

Quando mandou construir o segundo iate que havia de substituir a *Hirondelle*, o Príncipe Alberto pôs-lhe o nome da princesa. Mas, fatalidade, este segundo casamento não foi mais feliz do que o primeiro e o novo laço estava dissolvido. A Princesa nunca chegou a pôr os pés no barco que tinha o seu nome e que Alberto Grimaldi nunca mudou.

No dia 18 de Julho do citado ano de 1895 o *Princesse Alice* saiu da baía de Angra logo pela manhã para prosseguir nas suas explorações ao sul da Terceira. Mas eis que, ao dobrar a ponta do Monte Brasil, avistam para os lados de S. Mateus, dois barcos de vela que em carreira veloz se dirigem para o largo. Binóculos ajeitados e curiosidade em breve satisfeita. São duas canoas baleeiras que se dirigem para um cardume de baleias.

É uma oportunidade que não se pode perder. O Príncipe nas suas viagens tinha visto já muita coisa, mas nunca tinha visto caçar baleias. Seguiu de largo as canoas, para com o barulho das hélices não afugentar o cardume. Precaução aliás desnecessária, porque há alguns anos o nosso *Carvalho Araújo* andou por meio de um cardume, ao largo das Flores, misturado com os cachalotes e com as canoas, e uma das baleias foi arpoada a pouco mais de um comprimento do navio, para gáudio e eterna recordação de todos os que tiveram a sorte de presenciar tão soberbo espectáculo.

Mas o Príncipe não queria indispor contra si os baleeiros de S. Mateus, muito menos afugentar-lhes uma presa quase certa. Foi, pois um tanto de largo que ele presenciou a aproximação das canoas do cardume. Viu uma delas alongar-se com uma das baleias, seguí-la a par, remando apenas com as pás, até que o trancador com um golpe certo lhe fincou o arpão e a fez mergulhar abanando a cauda. Foi certo o golpe porque pouco depois a baleia vinha de novo à tona d'água para receber a lançada fatal.

O pintor Louis Tynaire immortalizou estas cenas e as mais que a seguir se referem, em desenhos que se encontram no Museu Oceanográfico de Mônaco<sup>84</sup>. *A agonia de um gigante(...)* assim crismou ele um dos mais belos desses desenhos.

O Príncipe quis recompensar os baleeiros por este espectáculo emocionante que lhe tinham proporcionado. Aproximou-se da baleia, mandou lançá-la pela cauda e rebocou-a para o Negrito. Os da canoa por sua vez prenderam esta a um arpão e aproveitaram também do reboque. Quando largou aquilo tudo ali por fora de S. Mateus, o júbilo daquela gente foi enorme. *Good luck, good luck, Thank you(...)*<sup>85</sup> gritavam os baleeiros velhos, recordando a linguagem que tinham aprendido nos navios de New Bedford.



Fig. 0899 - Estruturas da indústria da baleia no Negrito, 2007

Mas a curiosidade do Príncipe não ficou por aqui. No dia seguinte de manhã cedo, quando os homens de S. Mateus se preparavam para começar a cortar a baleia, entrava na baía do Negrito um bote do *Princesse Alice* com o Príncipe e os cientistas que o acompanhavam. Desembarcaram no meio da algazarra e da

<sup>84</sup> Louis Tynaire foi o autor de vários desenhos, depois passados a xilogravura por outros artistas, de cenas açorianas designadamente de baleação. Quem dispuser da edição de 1913 (Hachette - na Imprensa Nacional, Paris), poderá apreciar estas excelentes obras de L. T. expostas no Museu Oceanográfico, a saber: Posto de vigia (Faial?); Arrear à ilharga do Monte Brasil (Terceira), a 18 de Julho 1895; A baleia (Cachalote) em cena de caça perto da Ilha Terceira; Baleia arpoada (a *Princesse Alice*, à vista); O cachalote no portinha do Negrito (Terceira); Uma tenda improvisada (em S. Mateus); Junto ao forte do Negrito; desmanchado o cachalote; Junto ao forte do Negrito (a refeição); Reduzindo a baleia (2 grav.); Derreter a baleia a fogo directo; O óleo embarricado; O Pico visto do Faial; O Príncipe é cumprimentado no Porto da Horta; Descendo à Caldeira (Faial); Carro de bois (no Faial); Consultas médicas nas Flores; A Ilha do Corvo; O cabrestante (dos Dabney) no Porto Pim; Descendo a gruta da Ill; a Graciosa; o Príncipe na caldeira (Graciosa). Os gravadores foram: E. Florian, Froment, Froment filho, Duplessis e P. Gusman.

<sup>85</sup> No texto de Alberto I: "Good luck for all the time!(...)"

azáfama dos homens de S. Mateus, mandaram abrir-lhe o estômago e os intestinos, aferraram-se aos restos de polvos e do mais que o pobre bicho tinha tido para última refeição.

Os rapazes de S. Mateus, os Fandulhos, os Cega-Pintos, os Baila-bem, mal os deixavam mover-se, à volta deles como moscas. Os baleeiros deliravam, proferiam frases que eles não entendiam à letra, mas cujo sentido bem compreendiam. As mulheres, de xaile pelas costas e lenço caído para detrás da cabeça, metiam pedaços de comida pela boca dos homens e riam a bom rir, daquela gente estranha.

O Príncipe, de tez crestada, barba de bico a emoldurar um rosto severo mas atraente, andava no meio daquele povolêu com um interesse e um entusiasmo que ele mesmo deixou bem descritos no seu maravilhoso livro *Carreira de um Navegador*. Os de S. Mateus, habituados a que qualquer bigorilhas esgravatado os tratasse por cima do ombro, não queriam acreditar que aquele homem fosse um príncipe, ali misturado com eles, sem basófia nem sobrançaria. Foi meter o nariz em tudo, até nas caldeiras onde se derretia o toucinho, asseverava ainda há anos o tio Fanhanha, que bem se lembrava do grande acontecimento.

Depois, à hora do almoço aquela gente estranha foi para a casa do José Diabo. Casa limpa, de gente que tinha estado no Brasil, quadros com o retrato de D. Pedro IV, de Bismark, imagens de Santos(...) E Alberto Grimaldi com Richard, Guerne, Thoulet, todos três sábios de renome, comeu do peixe frito e dos ovos, bebeu do vinho de cheiro do José Diabo. Na sua maravilhosa descrição desta jornada, o Príncipe apenas teve a lamentar uma coisa. Que o José Diabo mal o deixasse comer, entusiasmado a descrever-lhe de garfo em punho, aos saltos no meio da casa, como é que se arpoava uma baleia.

*(Escrito por José Agostinho em Março de 1986)*»

#### 4.2.3. ALGAS

Pelos anos 70, a apanha de algas foi uma actividade que envolveu muita gente da freguesia, por ser uma actividade ligada ao mar. Homens e mulheres ocuparam-se na apanha, secagem, embalagem e transporte delas. Eram destinadas à Cooperativa com sede nas Lajes, ou à fábrica "ALA", ao tempo existente na Vinha Brava, Angra do Heroísmo, para serem transformadas em "Agar-agar", destinado a ser exportado para o estrangeiro.

Conhecem-se alguns números desta actividade nos Açores e, a título de exemplo, podemos afirmar que em 1992 se recolheram 741 toneladas, que renderam 476.591,00 euros, mas em 1997 o valor foi de 583.594,00 euros, embora com menos toneladas.

Na ilha Terceira, entre 1970 e 1980, foram apanhadas anualmente cerca de 1000 toneladas, que, transformadas em "Agar-agar", representavam 150 toneladas, cerca de 15%. São Mateus tinha uma grande percentagem dessa colheita.

Em 1980, na ilha Terceira existiam cerca de 500 apanhadores.<sup>86</sup>

Nessa actividade, que durou cerca de 30 anos, famílias inteiras fizeram as suas vidas com o produto da venda das algas extraídas do mar.

#### 4.2.4. MERGULHADORES

**1942 – JOSÉ VIEIRA DE CASTRO**, nasceu em São Mateus, residente na Canada da Boa Viagem, 29, começou ainda muito novo na actividade de mergulho para a apanha de Lapas, Cracas, Santolas, Cavacos, etc.

A partir de 2003, tem dedicado pouco tempo à actividade.

Durante os vários anos de mergulho teve alguns problemas relacionados com a sua actividade, nomeadamente com a descompressão. Por isso foi internado duas vezes no Hospital de Angra, uma na câmara de descompressão da Horta e outra ainda no Continente.

**1946 – JOSÉ PEREIRA FISHER DA SILVA**, conhecido por José do 19, residente no Largo da Escola, São Mateus, exerce a profissão de mergulhador desde os 14 anos de idade.

<sup>86</sup> Relatório de Junho/Julho 1980, Dr. Richard A. Fralick, Consultor, USAID.